Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

A ARTE MODERNA SOB A LENTE EXISTENCIALISTA: REFLEXÕES DE PAUL TILLICH SOBRE A INTERCONEXÃO ENTRE RELIGIÃO E EXPRESSÃO ARTÍSTICA

MODERN ART THROUGH AN EXISTENTIALIST LENS: PAUL TILLICH'S REFLECTIONS ON THE INTERCONNECTION BETWEEN RELIGION AND ARTISTIC EXPRESSION

EL ARTE MODERNO A TRAVÉS DE UNA LENTE EXISTENCIALISTA: REFLEXIONES DE PAUL TILLICH SOBRE LA INTERCONEXIÓN ENTRE LA RELIGIÓN Y LA EXPRESIÓN ARTÍSTICA

André Magalhães Coelho
Universidade Metodista de São Paulo - UMESP, Brasil

Resumo

Este artigo explora as reflexões de Paul Tillich sobre a interconexão entre religião e arte, destacando como a religião transcende crenças e propõe questionamentos existenciais. A arte moderna e o existencialismo emergem dessa busca por significado, refletindo a experiência humana, mesmo na arte secular, que, embora não religiosa, carrega sua essência. O objetivo deste texto é examinar a arte que se revela como um meio de expressões religiosas, que conferem significados por meio dos elementos sagrados que nela se encontram. Para esse estudo, utilizaremos as obras do mencionado filósofo.

Palavras-chave: arte-moderna; existencialismo; religião.

Abstract

This article explores Paul Tillich's reflections on the interconnection between religion and art, highlighting how religion transcends beliefs and raises existential questions. Modern art and existentialism emerge from this search for meaning, reflecting human experience, even in secular art, which, although not religious, carries its essence. The objective of this text is to examine art that reveals itself as a means of religious expression, which confers meanings through the sacred elements found in it. For this study, we will use the works of the aforementioned philosopher.

Keywords: modern art; existentialism; religion.

Resumen

Este artículo explora las reflexiones de Paul Tillich sobre la interconexión entre religión y arte, destacando cómo la religión trasciende las creencias y propone preguntas existenciales. El arte moderno y el existencialismo surgen de esta búsqueda de sentido, reflejando la experiencia humana, incluso en el arte secular, que, aunque no es religioso, lleva su esencia. El objetivo de este texto es examinar

REVISTA DA FUNDARTE

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

el arte que se revela como medio de expresión religiosa, que confiere significado a través de los elementos sagrados que se encuentran en él. Para este estudio utilizaremos las obras del filósofo antes mencionado.

Palabras clave: arte moderno; existencialismo; religión.

Introdução

Este texto explora, através das reflexões do teólogo e filósofo existencialista Paul Tillich,[1] a relação entre religião e arte. Símbolos e sinais emergem de uma identidade essencial comum. Eles se assemelham, pois ambos apontam para algo além de si mesmos.

Contudo, a distinção primordial entre eles reside no fato de que o símbolo se imbrica na realidade que representa; incorpora seu poder e significado, ao passo que o sinal não possui essa conexão. Assim, podemos afirmar que o símbolo religioso, ao se manifestar em uma obra de arte, se entrelaça com a força da realidade que evoca.

O existencialismo, essa corrente que permeia a meditação sobre a existência, fez sua aparição nas artes de forma única, mesmo em manifestações que não se vinculam ao sagrado, desvelando a condição humana, suas angústias e a incessante procura por sentido na vida.

Trata-se de uma meditação sobre a origem do ser e a esperança de superar nossas angústias. Nesse vasto panorama, encontramos Platão, um dos titãs do pensamento ocidental, cujas ideias ressoam profundamente com os elementos existencialistas.

Segundo Tillich,[2] Platão manuseia a mitologia com maestria, desvendando as complexidades da essência humana e nos convidando a explorar as profundezas do nosso ser. Para ele, a existência é o que resiste ao tempo, mesmo que esteja intrinsecamente ligada à essência. Ao abordar a transição entre

[1] Paul Johannes Oskar Tillich (1886-1965) foi, sem dúvida, uma das figuras mais proeminentes da teologia no século XX. No entanto, sua influência vai além das fronteiras da teologia; ele também se destacou como um pensador perspicaz, que buscou inspiração em grandes nomes da filosofia existencial como Kierkegaard, Jaspers e Heidegger, além de ser um verdadeiro herdeiro do idealismo alemão, em especial de Hegel e Schelling.

[2] Tillich não aborda diretamente a obra de Platão; em vez disso, ele menciona a utilização da mitologia, em contraste com a existência, em diferença à essência da qual o ser humano essencial é. Isso não pode ser considerado em termos da necessidade da sua natureza essencial.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

existência e essência, ele nos ilumina sobre a delicada fronteira que distingue a aparência do verdadeiro caráter das coisas. A célebre alegoria da caverna, por exemplo, ilustra como frequentemente somos prisioneiros das sombras, perdidos em um mundo de ilusões (TILLICH, 2020, p.32).

Entretanto, a busca pela verdade não se limita apenas ao domínio da filosofia; ela também ressoa na teologia da igreja primitiva, onde encontramos em Agostinho ponderações profundas sobre a alienação do ser humano em relação à sua verdadeira essência. A angústia da falta de sentido e a culpa são temas que se entrelaçam não apenas na vida cotidiana, mas também nas narrativas e criações artísticas.

Agostinho possui uma nítida consciência de sua condição, pois foi em sua própria pele que experimentou toda a dramaticidade da experiência humana. É essa razão que faz seu ser, ser constantemente invadido pela angústia existencial, clamando por um propósito, por uma resposta, enfim, por uma solução imediata (AGOSTINHO, 1999, p.5). O ser humano é um ser imperfeito, incompleto, repleto de pendências. O hiponense nunca ocultou sua condição humana e busca pôr fim a suas lágrimas. Quanta inquietação encontra morada na vida de Agostinho! Não é em vão que se derrama em pranto, implorando por abrigo. Ele está exausto, plenamente ciente de seus muitos erros.

Agora anseia por um refúgio seguro para acolher e restaurar sua alma cansada. Consciente de suas faltas, reconhece que merece um castigo justo, ao mesmo tempo em que confessa que já está sendo punido por uma sanção interna. Por isso, questiona: será que um castigo tão ínfimo não é um sinal de Vosso amor? (AGOSTINHO, 1999, p.40).

Consideremos o personagem de Franz Kafka, Senhor K., que, em sua incessante busca por significado, se vê imerso em uma realidade que o condena. A culpa o persegue como uma sombra, enquanto ele tenta compreender as razões que o levaram a esse estado de julgamento. Essa sensação angustiante de não conseguir escapar de um destino já traçado é um reflexo de nossas próprias lutas existenciais (TILLICH, 2020).

A angústia do existencialismo proposto por Tillich, portanto, é a condição existencial de todo aquele que possui a consciência de sua finitude, de ser uma combinação de ser divino e não ser criatura (TILLICH, 2014, p. 368). Assim, tudo

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

que Deus cria e participa do movimento da essência para a existência. Dessa forma, é possível observar que a antropologia tillichiana fundamenta-se em sua percepção do sagrado.

Em virtude dessa compreensão da condição humana, a antropologia tillichiana está imersa na ideia de que praticamente todas as formas de realidade podem ser potenciais meios de revelação, pois estão conectadas ao fundamento do ser (TILLICH, 2014, p. 130). O sagrado, embora constitua a base de todo ser pessoal, transcende essa categoria de pessoalidade. A existência humana, portanto, é viável apenas como uma fusão de ser e não-ser, possuindo a essência do ser-em-si e as possibilidades do não-ser.

E o que dizer do universo da arte? Aqui, as expressões do existencialismo se manifestam de maneira multifacetada. Ao focar nas pinturas do último século, podemos analisar os motivos mais profundos que permeiam essa corrente filosófica.

A arte, nesse contexto, torna-se um espelho da inquietação humana diante das questões últimas da vida. O expressionismo surge como um movimento artístico vibrante, especialmente nas esferas da literatura e das artes plásticas na Alemanha do início do século XX. Podemos observar uma verdadeira “explosão expressionista” em torno de 1907, que se estende através da turbulência da Primeira Guerra Mundial até 1918.

Nunca houve uma escola ou um movimento que se estruturasse de maneira rígida. Após esse período efervescente, o movimento sobrevive apenas por um tempo, mas suas raízes são profundas, alimentadas pela angústia gerada pelo colapso de um mundo e pelo surgimento de uma nova era. O berço do expressionismo está em uma sociedade desenfreadamente capitalista, cínica e conquistadora, personificada na figura do Kaiser Guilherme II. Esse movimento representa uma insurreição, uma revolta, cuja busca formal reflete intensamente o tormento interior dos artistas. Os poetas e pintores expressionistas deram vida a um estilo que encapsula a angústia e a técnica do mal-estar na civilização.

Um precursor indiscutível do expressionismo é a célebre obra do norueguês Edvard Munch, intitulada O Grito, pintada em 1893. Essa obra traduz o grito trágico de horror existencial ecoado em uma sociedade escandinava conformista, puritana e burguesa. O expressionismo utiliza a culpabilidade e a agonia o suor frio como

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

pilares de sua expressão, amplificados de forma intensa pela dramaticidade do estilo: o corpo foi concebido para ser desarticulado.

Na batalha entre forças espirituais opostas, emergiu um vasto campo de tensão, que abriga, simultaneamente, a representação aterradora da grande cidade que provoca a depravação, a potência devastadora da guerra e o sonho radiante de um novo homem, trazendo consigo uma visão utópica de reconciliação entre o ser humano e a natureza (THOMAS *apud* BRILL, 2002, p. 401).

Tillich entendia o expressionismo não apenas como um movimento de caráter subjetivo, mas como uma corrente artística que, ao dissolver as formas individuais, almejava uma expressão metafísica objetiva, evocando a profundidade do ser por meio de novas linhas, cores e composições. Nessa abordagem inovadora da pintura, ele percebia uma transparência mística que desafiava as formas autossuficientes típicas do idealismo em sua vertente impressionista (CALVANI, 1998, p. 91).

O expressionismo se apresentava como uma crítica à arte religiosa vigente na sociedade capitalista, que relega os símbolos religiosos tradicionais a meros níveis de moralidade da classe média, esvaziando-os de seu caráter transcendente e sacramental (CALVANI, 1998).

Assim como o expressionismo, outros movimentos artísticos deixaram sua marca indelével na cultura e na espiritualidade. O surrealismo, por sua vez, emergiu como um movimento artístico e literário em Paris na década de 1920, inserindo-se no contexto das vanguardas que moldariam o modernismo entre as duas grandes Guerras Mundiais. Este movimento congregou artistas que anteriormente estavam ligados ao dadaísmo, ganhando notoriedade mundial.

Entre suas características, destacam-se a expressividade espontânea, a criação de cenas oníricas, a valorização do inconsciente e a geração de uma "realidade paralela". De maneira semelhante, o Abstracionismo também deixou sua marca, surgindo como um desdobramento de alguns campos artísticos já estabelecidos: cubismo, futurismo, expressionismo e as tendências que apresentam semelhanças notáveis entre si. Os principais representantes da abstração iniciaram suas jornadas como os pioneiros dessas três correntes.

Ao discutirmos a interseção entre religião e arte, é fundamental reconhecer que a religião, em seu sentido mais amplo, representa a capacidade humana de

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

confrontar as questões essenciais da existência. Segundo Paul Tillich, a religião lida com aquilo que ele denomina "preocupação última", o que nos conduz à busca por símbolos capazes de traduzir e responder às inquietações sobre o ser, a vida e a morte. A arte, nesse contexto, emerge como uma linguagem simbólica que nos conecta ao sagrado, oferecendo vislumbres de significado diante do mistério da existência (TILLICH, 2020).

Nesse sentido, o desenvolvimento da arte moderna, assim como do existencialismo, é indissociável de nossa compreensão do que significa ser, de nosso lugar no mundo e da busca por significado em meio à alienação e à finitude.

Ao analisarmos esses níveis de relação entre religião e arte, percebemos que a arte pode ser uma expressão de inquietações profundas. No primeiro nível, a arte se manifesta através de paisagens e retratos que capturam a essência da experiência humana, sem necessariamente fazer referência direta ao sagrado (TILLICH, 2020).

Já no segundo nível, que analiso embora apresentem cenas religiosas, expressam a inquietação do período em que foram criadas. No terceiro nível, a arte religiosa se entrelaça com o conteúdo religioso, refletindo uma harmonia entre estilo e mensagem. Tillich analisando esses níveis, observa que a arte devocional que busca elevar o espírito humano, unindo forma e conteúdo em um propósito litúrgico. Por fim, no quarto nível, podemos observar a arte como uma expressão de uma inquietação última, onde a busca por significado se torna a própria essência da criação (TILLICH, 2020).

Dessa forma, ao navegarmos pelo existencialismo e suas manifestações artísticas, somos convidados a refletir sobre nossas próprias vidas e a eterna busca por sentido em um mundo repleto de sombras e luzes.

O objetivo deste artigo é examinar a arte que se revela como um meio de expressões religiosas, que conferem significados por meio dos elementos sagrados que nela se encontram. Para esse estudo, utilizaremos as obras do mencionado filósofo. A arte, nesse contexto, não é apenas uma representação estética, mas uma janela aberta para as profundezas de nossa alma.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

A arte como protesto: a influência do protestantismo

Ao nos depararmos com "Guernica", a icônica obra de Pablo Picasso, uma verdadeira explosão de emoções e significados se faz presente. Não se trata apenas de uma pintura; é um clamor intenso contra a brutalidade da guerra e a desumanização que ela provoca. Na (Figura 1), observamos a obra prima de Picasso,

Figura 1 - 1937 Guernica Pablo Picasso (2024).



Fonte: Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Guernica_%28Picasso%29. Acesso em: 11 dez. 2024.

Situada no norte da Espanha, Guernica era uma modesta cidade que, em meio ao tumulto da guerra, enfrentou a devastação implacável de um ataque aéreo orquestrado pelas forças fascistas da Alemanha e da Itália (TILLICH, 2020, p.40). Este ataque não se limitou a ser um mero ato bélico; foi o primeiro exemplo do que se chama "bombardeio de saturação" — uma expressão que evoca um terror absoluto, onde nada escapa à destruição feroz.

Para Tillich, Picasso, em sua obra monumental, captura a essência desse horror fragmentos da realidade se entrelaçam em uma composição angustiante que retrata a dor dos seres humanos, a agonia dos animais e os escombros das moradias (TILLICH, 2020).

Cada elemento se funde em uma representação visceral da tragédia, tornando o sofrimento humano mais palpável do que em qualquer outra criação da arte moderna. Sem hesitar: "Guernica". Esta obra transcende a mera

REVISTA DA FUNDARTE

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

representação; ela expõe a condição humana em sua forma mais crua e despojada (TILLICH, 2020).

Paul Tillich observa, que a arte pictórica ecoa as inquietações que assolaram a Europa durante os horrores da Segunda Guerra Mundial e ressoa com as almas de muitos americanos, refletindo a ruptura, as incertezas existenciais, o vazio e a busca por significado (TILLICH, 2020). Conforme o pensador teológico germânico, caso o protestantismo nos ensine a não esconder nada, mas a confrontar a realidade em toda a sua profundidade, então "Guernica" se eleva como uma das mais poderosas expressões desse ideal. Embora desprovida de conteúdo religioso explícito, a obra carrega um peso espiritual intenso e profundo.

Tillich, ao se referir a Georges Braque, um dos brilhantes seguidores de Picasso na França, diz que em sua obra "Mesa", que percebemos uma dissolução das realidades orgânicas que normalmente associamos a uma mesa repleta de objetos.

Os elementos se desintegram em planos, linhas e cores — uma representação da essência que reside além da superfície. Essa técnica, que chamamos de "Cubismo", busca revelar o que está oculto sob a aparência das coisas, deslocando o foco da superficialidade para os elementos primordiais da realidade: cubos, planos, cores e sombras (TILLICH, 2020, p.41).

Sob essa perspectiva, a arte moderna não apenas nos desafia a olhar além do que é visível, mas também possui uma força religiosa imensa. É um convite à reflexão, à exploração do que nos define como seres humanos, à busca pela verdade em meio ao caos visual. Essas obras são mais do que meras representações; são manifestações da alma humana em sua busca incessante por significado e compreensão (TILLICH, 2020).

Em primeiro lugar, é crucial entender a singularidade da visão protestante sobre a condição humana. O princípio protestante, que nem sempre se manifesta de maneira clara nas pregações e ensinamentos das igrejas, enfatiza a distância quase infinita entre Deus e os homens. Ele ressalta a finitude do ser humano, a inevitabilidade da morte e, acima de tudo, a separação entre nosso verdadeiro “eu” e a submissão às forças demoníacas que nos levam à autodestruição. Essa incapacidade de libertar-se das prisões internas inspirou os reformadores a

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

articular a doutrina da reconexão com Deus, onde a iniciativa divina é essencial, mas a recepção humana exige uma coragem extraordinária (TILLICH, 2009, p.111).

O filósofo germânico, afirma que a bravura se manifesta na contradição angustiante de que "o pecador é justificado". A dor, a culpa e o desespero são elementos palpáveis na experiência humana, e Picasso, em "Guernica", captura essa luta de maneira extraordinária. O que confere à tela sua força não é apenas a devastação de uma cidade sob bombardeio fascistas, mas o estilo único que Picasso desenvolveu ao longo do século XX (TILLICH, 2020).

Para Tillich, a criação espelha em uma unidade estilística que se destaca em contraste com os estilos de épocas anteriores, expressando a condição humana como o cristianismo a percebe.

É imperativo que discutamos a intersecção entre estilos artísticos e religião para aprofundar nossa compreensão. Toda obra de arte é composta por três elementos fundamentais: tema, forma e estilo (TILLICH, 2009, p.114). O tema abrange uma vasta gama de possibilidades, transcendendo categorias como bom ou mau, belo ou feio. Contudo, nem todos os temas são explorados por artistas ao longo da história; há princípios de seleção que dependem da forma e do estilo (TILLICH, 2009).

Para o nosso pensador religioso, a maneira, enquanto elemento estrutural, é complexa e se refere à essência do ser. Ela confere singularidade e universalidade, estruturando a totalidade do ser, enquanto a criação artística é moldada por essa forma. A forma é, portanto, um elemento ontológico essencial. Contudo, ela é sempre qualificada pelo terceiro elemento: o estilo. Este termo, que inicialmente descrevia mudanças na moda e arquitetura, foi ampliado para abarcar toda a esfera da produção artística e até mesmo da filosofia e política. O estilo define as criações de um período específico, revelando uma conexão intrínseca entre elas (TILLICH, 2009, p.115).

O enigma do estilo reside em compreender o que une certas obras e o que elas indicam. Através de uma análise cuidadosa, percebemos que cada estilo reflete a auto-interpretação do ser humano diante da questão do significado da vida.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

Independentemente do tema ou da força da forma, o estilo revela a preocupação primordial do artista, que é, muitas vezes, a mesma de seu grupo e de seu tempo (TILLICH, 2009). A religião, mesmo quando negada, está presente, pois representa o estado de nossa inquietação existencial.

Uma das tarefas mais fascinantes que se nos apresenta é decifrar o significado religioso dos estilos artísticos ao longo da história. Desses períodos até os clássicos e naturalistas, as características da criação artística ressoam nas letras, na filosofia e na ética de cada época. A decifração de estilos é, assim, uma arte em si, repleta de ousadia e risco. Ao longo da história ocidental, desde as catacumbas cristãs até os renascimentos artísticos, somos envolvidos pela rica tapeçaria de estilos que revelam a autocompreensão do ser humano (TILLICH, 2009).

> Cada época possui um conteúdo espiritual que lhe é próprio. Para contribuir para a arte com um elemento de valor, o pintor deve, portanto, exprimir o conteúdo espiritual da sua época – ou da época que há de vir –, o qual será necessariamente diferente e, por consequência, traduzir-se-á numa forma forçosamente diversa das que já existem. Mas este novo conteúdo deve ser expresso através de formas convincentes [...] .(KANDINSKY, 2014, p. 66).

A essência afetiva e emocional do artista se manifesta em sua obra, sendo interpretada de maneiras subjetivas por cada espectador. Um exemplo dessa dimensão emocional pode ser encontrado nas artes de vanguarda da primeira metade do século XX. Umberto Eco (2015), em sua obra "Obra aberta", discute a questão do conteúdo nas produções vanguardistas do século XX, como o dadaísmo, o cubismo e o abstracionismo geométrico. São expressões artísticas que brotaram no início do século XX, destacando-se por desafiar os padrões estéticos estabelecidos na época.

O cubismo, um movimento europeu que ganhou destaque pelo uso de formas geométricas e pela fusão do imaginário urbano industrial, teve sua origem em 1907, com a célebre obra As senhoritas de Avignon, de Pablo Picasso.

O dadaísmo, por sua vez, definiu-se pela "anti-arte" e pela provocação acerca do que realmente se pode considerar arte. Esse movimento foi marcado pela ruptura de normas e tradições, adotando como lema a ideia de que "a destruição também é criação". O abstracionismo geométrico, por outro lado,

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

caracterizou-se pelo emprego de formas geométricas e pela valorização da racionalidade. Esse movimento foi influenciado tanto pelo cubismo quanto pelo futurismo.

As vanguardas artísticas europeias, como o cubismo, o dadaísmo e o abstracionismo geométrico, emergiram em um contexto repleto de transformações tecnológicas, buscando novas formas de representação. Essas expressões artísticas possuem um conteúdo aberto, repleto de múltiplos significados que muitas vezes tendem à ambiguidade. O intérprete da obra, por sua vez, desempenha um papel ativo no desfecho que a arte propõe.

A análise das diferenças estilísticas, como demonstrado por Dilthey,[3] nos oferece chaves valiosas para a compreensão das artes visuais. Os conceitos de idealismo, realismo, subjetivismo e objetivismo permeiam todas as obras de arte, embora um deles possa se destacar em determinados contextos (TILLICH, 2009, p.116). A arte, portanto, é um reflexo da relação entre o artista e a realidade, e essa relação é moldada por uma tradição que não pode ser ignorada, mesmo quando o artista busca romper com ela.

Para Paul Tillich, emerge a indagação: qual é a conexão entre esses estilos e a religião, especialmente ao protestantismo? Será que alguns estilos capturam melhor a temática protestante do que outros? O elemento absoluto, que se manifesta nas experiências em que não apenas percebemos a realidade, mas a encontramos, confere significado ao elemento estilístico da subjetividade (TILLICH, 2009).

A primazia do componente expressivo na arte contemporânea, surgida na segunda metade do século XX, abre uma janela singular para o renascimento da arte religiosa. Embora nem todas as variantes desse estilo sejam igualmente adequadas a esse propósito, muitas delas têm o potencial de resgatar a espiritualidade que parece ter se perdido (TILLICH, 2020).

Tillich defende que a cruz, em sua essência simbólica, por exemplo, tem sido explorada em diversas obras de arte, assim como temas de ressurreição e transcendência. O desafio é imenso, mas, assim como Picasso, que desafiou as

[3] Wilhelm Christian Ludwig Dilthey foi um pensador hermenêutico, psicólogo, historiador, sociólogo e educador alemão. Ele lecionou filosofia na Universidade de Berlim. Suas contribuições foram fundamentais para o avanço da hermenêutica e da filosofia da vida no final do século XIX e no início do século XX.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

convenções com "Guernica", os artistas contemporâneos também podem encontrar uma maneira de expressar a complexidade da condição humana e a busca por significado em um mundo marcado pelo conflito e pela incerteza (TILLICH, 2020).

No crepúsculo do século XIX, na Alemanha e na América do Norte, um diálogo artístico se desenrolava nas paredes da Riverside *Church*, em Nova York. Ali, dois artistas, Oude e Hoffman, deixavam sua marca com obras que, em essência, buscavam retratar Jesus de maneiras que evocavam tanto a fragilidade humana quanto a profundidade espiritual. Hoffman, por exemplo, capturava a imagem de um Jesus emotivo, enquanto outras obras se assemelhavam a um professor sem brilho, vagando por pequenas aldeias, como se carregasse o peso do mundo em seus ombros (TILLICH, 2020).

Para André Leonardo Chevitarese e Daniel Brasil Justi, a crença na redenção cristã entre muitos alemães durante a era nazista revela uma curiosa dualidade, como se duas entidades distintas se entrelaçassem em uma harmonia perfeita.

A primeira entidade é simbolizada pela figura de Hitler, aclamado como o salvador. Sua missão era inequívoca: lutar, sem hesitações ou trégua, contra o judaísmo. A segunda entidade dessa crença está ligada às instituições religiosas, muitas das quais promoviam a ideia de redenção por meio da cruz. Nesse cenário, essa redenção só poderia ser completamente alcançada pela purificação de Jesus de qualquer associação com o judaísmo, reconfigurando como se tivesse sido, supostamente, um mariano e não um judeu (CHEVITARESE; JUSTI, 2017, p. 190).

Prosseguindo com nossa exploração, deparamo-nos com a magnífica obra de Chagall., "Rio Sem Margens". Aqui, a pintura transcende o naturalismo, mergulhando em um simbolismo vibrante. O artista nos convida a sentir a metafísica do tempo, capturada no movimento frenético de um relógio, cercado por uma constelação de cores e formas que nos transportam além da superfície da realidade (TILLICH, 2020, p.42). O tempo, como um rio sem margens, flui e nos desafia a contemplar suas profundezas. Em outra de suas obras, "Amantes", Chagall nos apresenta um mundo onde o fantástico se entrelaça com o cotidiano, e as formas se libertam das amarras da lógica.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

As emoções dos amantes flutuam, muitas vezes mais pulsantes na imaginação do que na realidade que os cerca (TILLICH, 2020). Alterando nosso percurso, encontramos o surrealismo de Chirico em sua obra, conforme ilustrado na (Figura 2)."Os Brinquedos de um Príncipe". Aqui, somos confrontados com um espaço infinito — um cenário onde solidão e luz ofuscante coexistem, e onde objetos aparentemente desconectados se reúnem em um diálogo silencioso. Essas obras não apenas refletem a realidade, mas a reconfiguram, revelando aspectos ocultos e extraordinários (TILLICH, 2020).

Figura 2 - Giorgio de Cherico Toys of Prince Aniversario de um príncipe (2024).



Fonte: Disponível em: https://www.flickr.com/photos/gandalfsgallery/40358518420/in/photostream/. Acesso em: 11 dez. 2024.

Neste contexto, é essencial abordar o que chamaria de um "estilo religioso", embora não, necessariamente, ligado a um conteúdo explícito de fé. Esse estilo coloca questões radicais sobre a condição humana, desafiando os limites do que entendemos como existência. Ao longo dos séculos, diversos mestres, desde o maneirismo pós-Michelangelo até as obras impactantes de Goya, Brueghel e Bosch, têm explorado essa complexidade (TILLICH, 2020, p.43). Essas pinturas, muitas vezes, habitadas por elementos psicológicos e naturais entrelaçados de forma não convencional, revelam uma visão existencialista profunda.

O filósofo germânico, ao abordar conceitos que tradicionalmente definem nossa compreensão do mundo — tempo, espaço, causalidade — parecem, em muitos desses trabalhos, ter perdido seu poder de coesão. Nesse novo cenário, a

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

insegurança reina, e o ser humano se vê cada vez mais deslocado, como ecoam as palavras do livro de Jó: "e seu lugar não o conhece mais." Essa ideia de deslocamento ressoa nas obras dos artistas, refletindo uma realidade em que a alienação e a busca por significado se tornam centrais.

Em sua obra fundamental "Sobre a Religião – discursos a seus menosprezadores eruditos", escrita no ano de 1800, Friedrich Schleiermacher tem uma perspectiva fascinante e profunda sobre o verdadeiro significado de se religar ao divino. Para ele, a religião vai além do simples "conhecer" – os dogmas inflexíveis que, muitas vezes, aprisionam o espírito – e do "fazer" – as normas éticas que podem sufocar a essência do ser.

Em vez disso, ele nos convida a explorar um discernimento intuitivo e imediato, onde todas as coisas finitas dançam no infinito, e o tempo se entrelaça com a eternidade. Schleiermacher na fala de uma vivência que brota das profundezas da alma, um chamado que ressoa na consciência e toca o intelecto. Imagine alguém que, ao longo de sua jornada espiritual, é agraciado com uma sensibilidade mística e criativa.

Esse ser, imerso em sua própria expansão e conexão, sente a necessidade de exteriorizar suas experiências, como um poeta que transforma seus sentimentos em versos, ou um artista que captura a essência do que é sagrado. Ele se torna um verdadeiro sacerdote do Altíssimo, um mediador entre o celestial e o cotidiano, apresentando a divindade como um objeto de prazer e união, a fonte inesgotável que nutre os anseios mais profundos da alma.

Assim, esse indivíduo se empenha em despertar o núcleo adormecido do melhor da humanidade, insuflando amor em direção ao sublime. Ele transforma a vida comum em uma jornada de descobertas e transcendência, buscando incessantemente elevar o espírito humano a novas alturas. Em suas palavras, encontramos um convite irresistível para explorar o que significa viver com intensidade e propósito, onde cada instante se torna uma oportunidade de se conectar com o eterno que reside em nós (SCHLEIERMACHER, 2013, pp.12-13).

Conforme a perspectiva de Tillich, é neste contexto que se delineia um existencialismo peculiar. Embora muitos cristãos se identifiquem com essa filosofia, suas respostas às questões existenciais são moldadas por uma perspectiva de fé, e não meramente pela angústia existencial. Assim, a distinção entre

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

existencialismo ateu e cristão se torna nebulosa. Aqueles que, como Jaspers, Kierkegaard e Heidegger, navegam entre a mística e a filosofia, oferecem uma visão que transcende as barreiras da simples categorização (TILLICH, 2020).

Observamos, portanto, que o existencialismo emerge como uma lente através da qual podemos examinar a condição humana e seu reflexo na arte moderna, revelando um diálogo contínuo entre a dúvida e a busca por significado que permeia nosso tempo.

A arte é um universo cativante onde se entrelaçam o cultivo e o culto, uma dança harmônica entre a criação e a contemplação. Ela não se limita a ser uma produção cultural; é uma antena que sintoniza e reflete as sutilezas da sociedade, desvelando a cosmovisão de um contexto histórico, cultural, político e filosófico específico.

Quando consideramos a arte como um campo de cultivo, a interpretação individual e a subjetividade esculpem a imaginação. É através da criação que o artista converte uma tela em um portal para novas dimensões, a obra arquitetônica que se eleva como um símbolo do espírito humano, ou a profundidade das letras de uma peça de Goethe que nos leva a épocas e lugares remotos.

Por outro lado, a arte como culto desponta como um poderoso meio de comunicação. É o conteúdo que ultrapassa a superfície, expressando mensagens emocionais que tocam a essência e revelam o estado de espírito do artista. Cada obra é uma janela aberta para a intimidade de seu criador, uma chance de conexão entre quem faz e quem observa.

Assim, a arte se revela como um espelho polido da realidade, refletindo nossas esperanças, medos e sonhos. É um convite à reflexão e à apreciação, um espaço onde emoções se entrelaçam com a estética, criando um diálogo rico e envolvente (ROOKMAAKER, 2010). Leon Tolstói dizia que a arte,

> [...] é a ponte entre o terreno e o sagrado, construída muitas vezes com os tijolos da arte. Porque ela é o encontro certeiro, mas misterioso, entre a verdade e a beleza, que se confundem no território sublime da sensibilidade e aproximam a arte da comarca das religiões e sua relação com Deus. (TOLSTÓI, 2019, p. 8).

A arte, entendida como cultivo forma e culto conteúdo, emerge dos pressupostos afetivos que permeiam uma cosmovisão. Nesse contexto, são

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

essenciais para a compreensão do papel que a arte e a religião desempenham, assim como a intersecção entre elas. Hegel, a respeito disso, observa que:

Esse desenvolvimento é, por sua natureza, espiritual e universal, uma vez que a sucessão de concepções moldadas pela visão de mundo que se caracteriza por uma consciência definida, mas abrangente, sobre a natureza, o ser humano e o divino, adquire uma forma artística por si mesma. Isso implica que uma cosmovisão e sua manifestação na arte variam ao longo das diferentes épocas históricas. A diversidade de religiões gera uma pluralidade de formas artísticas. De fato, a arte é convocada a representar a essência interna do conteúdo de um determinado período (HEGEL *apud* NAUGLE, 2017, p. 89).

Para Bakhtin (2011), o autor assume um papel fundamental no fenômeno do existir (p.176), pois se debruça sobre elementos desse fenômeno e, assim, sua obra cria um momento único e excepcional. Um aspecto intrínseco ao autor é que sua criação emerge sempre a partir de uma certa posição axiológica, um conceito que se refere à dimensão avaliativa presente em todo ato estético, uma vez que atua sobre sistemas de valores, elevando-os a um novo plano. Sob essa ótica, entende-se que na atividade estética o sujeito responde de forma criativa à realidade do mundo, gerando uma nova realidade, um universo estético.

Uma vivência, um evento experienciado ou mesmo um simples sentimento, ao serem transpostos para a arte e transformados em poesia, por exemplo, adquirem novos contornos, novas cores, novos sabores, novos sentidos e valores ao serem reconfigurados no plano estético: O ato estético dá origem ao existir em uma nova dimensão axiológica do mundo (BAKHTIN, 2011, p.177).

Estilo não-religioso na representação do sagrado

Ao contemplar alguns exemplos que iluminam diferentes nuances dessa intrigante questão. Imagine uma tela repleta de cores, onde a beleza se entrelaça com a espiritualidade: a célebre Madonna e Menino de Rafael (Figura 3). Ao examinarmos mais atentamente, percebemos que essa obra vai além de um simples ícone religioso; ela transcende o sagrado em sua essência e estilo

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

(TILLICH, 2020, p.45.) Aqui, a harmonia da humanidade se revela, tocando o divino de maneira sutil, sem se restringir às convenções religiosas.

Figura 3 - Rafael Sanzio Madonna e o Menino (2024).



Fonte: Disponível em: https://guiaflorenca.net/arte/madonna-del-graduca-de-rafael/. Acesso em: 11 dez. 2024.

Ao olhar para a pintura retratada pelo francês, nesta representação, a Madonna é apresentada como uma dama da corte, cuja reputação é tudo menos exemplar. O que isso nos revela? Que o símbolo religioso, apesar de sua presença, se dissolve em um retrato mais mundano, onde o laço entre mãe e filho reflete mais a aristocracia francesa do que a pureza divina (TILLICH, 2020). Para Tillich, essa distinção nos conduz a uma reflexão fundamental: o conteúdo religioso, por si só, não é suficiente para conferir a uma pintura o caráter de arte sacra.

Muitas das representações que encontramos em revistas de igrejas, ícones de papel distribuídos aos domingos ou, ainda mais preocupante, nos escritórios dos ministros, enfrentam esse mesmo dilema. Elas podem ostentar um conteúdo religioso, mas carecem de um estilo que realmente ressoe com a profundidade do sagrado.

Tais obras, embora adornadas com símbolos de fé, podem revelar-se perigosamente irreligiosas. E é por isso que todos nós, que compreendemos as

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

sutilezas do nosso tempo, devemos nos unir na luta contra essa superficialidade que ameaça diluir a essência da verdadeira arte religiosa (TILLICH, 2020, p.46).

A intersecção da arte e da espiritualidade

Analisaremos agora outro nível da arte, onde a forma religiosa e o conteúdo se entrelaçam, muitas vezes chamada de expressão artística. Aqui, a superfície da pintura é atravessada, revelando emoções intensas e significados ocultos.

É fundamental destacar que essa abordagem não é uma novidade contemporânea; suas raízes se entrelaçam com a história, como exemplificado na impressionante obra "Crucificação" de El Greco na (Figura 4). Nela, encontramos uma representação do corpo humano que desafia as normas naturais, refletindo a estética da contrarreforma, onde uma linha sutil e ascendente nos conduz em direção ao divino, repleta de ascetismo e, por vezes, de autodestruição.

Figura 4 - Crucificação de El Greco (2024).



Fonte: Disponível em: https://www.historiadasartes.com/a-crucificacao-el-greco/. Acesso em: 11 dez. 2024.

Um outro exemplo é a célebre "Crucificação" de Grünewald, uma obra-prima que, mesmo em seu contexto histórico, antecipa a força do expressionismo. Através dessas criações, percebemos que o expressionismo não é um fenômeno

REVISTA DA FUNDARTE

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

restrito à contemporaneidade. E agora, a indagação que ressoa é: será que podemos, atualmente, empregar esses elementos da arte visual para reinterpretar os símbolos tradicionais do cristianismo?

Ao contemplar obras contemporâneas como as de Graham Sutherland, às vezes sinto que sim, mas em outras ocasiões, a dúvida se instala (TILLICH, 2020, p.47). Um dos grandes nomes do expressionismo alemão, Emil Nolde, buscou, a partir de 1905, renovar os símbolos religiosos por meio de sua arte. Embora algumas de suas obras sejam impressionantes, frequentemente sinto que a conexão se perde.

Para Tillich, a obra de Georges Rouault, por exemplo, como em "Cristo Escarnecido pelos Soldados" e "Miserere", revela uma tentativa de tornar a história de Cristo relevante e palpável para o nosso tempo. Contudo, em algumas ocasiões, a dúvidas se suas soluções são realmente mais eficazes do que as propostas pela arte religiosa tradicional (TILLICH, 2020).

Entretanto, a questão persiste: estamos prontos para enfrentar os desafios que a arte moderna e o existencialismo nos impõem? O que muitos consideram a arte predileta da nossa era, com suas idealizações do naturalismo, pode, na verdade, ser um escapismo que nos impede de encarar a realidade. O entrelaçamento entre a arte moderna e os pensamentos existencialistas é uma jornada complexa que merece nossa atenção.

Tillich afirma, que após a primeira guerra mundial, quando a República Alemã foi estabelecida, lecionava na Universidade de Berlim, em frente ao recém-inaugurado Museu de Arte Moderna. Utilizou-se obras em suas aulas para ilustrar a conexão entre forma e substância, a possibilidade de romper a superficialidade da realidade para explorar suas profundezas. Tillich afirma que aprendeu mais sobre teologia através da arte moderna do que em qualquer livro (TILLICH, 2020, p.48).

Tillich comenta, que diariamente, o museu atraía o pequeno-burguês alemão, e eles buscavam a beleza idealizada, mas as obras ali expostas desafiavam suas expectativas. Era uma batalha entre a chegada do naturalismo,

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

defendido por essa mesma classe média, e a intelligentsia[4] progressista que reconhecia as mudanças profundas na sociedade industrial (TILLICH, 2020).

Essa dinâmica nos revela que existem momentos em que não podemos mais esconder a verdade. Manter a superfície intacta muitas vezes implica sacrificar a honestidade e a profundidade da nossa realidade, resultando em fanatismo e repressão da verdade.

Precisamos estar dispostos a encarar nossa situação atual, como esses artistas ousaram fazer. Eles foram rotulados como portadores de características negativas, e Hitler, representando uma pequena-burguesia desesperada por manutenção do *status quo*, os classificou como artistas degenerados (TILLICH, 2020). Porém, ao tentarmos ocultar o que não conseguimos enfrentar, tornamo-nos desonestos.

A relação das igrejas com esses dilemas, a maioria seguiu a pequena-burguesia, resistindo à modernidade e ao existencialismo. Acreditando ter todas as respostas, as instituições religiosas acabaram despojando essas respostas de seu significado. Sem questionar o que realmente importa, suas crenças tornaram-se vazias, incapazes de ressoar com as experiências contemporâneas (TILLICH, 2020).

A criação “O Mundo” de Jean Steen. Esta obra nos leva a um cenário, onde a dança, a festividade e a vivacidade da existência se entrelaçam, revelando a essência da histórica Holanda (TILLICH, 2020). Para Tillich ao explorar pinturas religiosas ou, ao menos, aquelas que insinuam uma estética religiosa, entra-se uma questão: O que está pintura realmente expressa sobre a condição humana? A resposta que emergiu para o teólogo alemão, foi que ela evoca um poder de ser que, embora, parece quase imutável, revelando uma vitalidade contida (TILLICH, 2020).

Tillich enfatiza que, naquela época, muitos acreditavam que tais representações eram a quintessência da arte religiosa. Contudo, proponho uma nova perspectiva: a arte religiosa deve não apenas evocar emoções, mas também revelar a essência de Deus e as estruturas fundamentais da realidade que Ele

[4] O conceito de intelligentsia (do russo: *интеллигенция*, do latim: intelligentia) normalmente se refere a uma classe ou conjunto de indivíduos dedicados a atividades intelectuais complexas e criativas, voltadas para a promoção e a difusão da cultura, englobando profissionais do saber.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

criou. Isso, evidentemente, não exclui a possibilidade de expressões românticas dentro dessas formas autênticas.

Tillich, ao discorrer sobre a fé, afirmava que a mística não apenas abraça a fé sacramental, mas a eleva em uma fascinante jornada em direção ao que está oculto em cada ato sagrado. É como se cada sacramento fosse uma chave que se ajusta a uma porta, abrindo-se para um cosmos de possibilidades, onde o sagrado se entrelaça com a vida cotidiana, desvelando uma essência que muitas vezes permanece invisível sob a superfície dos objetos concretos que nos cercam.

O místico, por sua vez, é um explorador audacioso nesse vasto cosmos espiritual. Ele compreende a imensa distância que separa o infinito do finito e, mesmo assim, abraça sua existência com uma serenidade admirável. Para ele, a união extática com o divino é um raro vislumbre, um momento efêmero que pode, por vezes, parecer inalcançável. Contudo, essa busca incessante é o que o torna verdadeiramente humano.

Assim, o religioso, imerso nessa dança sutil entre o tangível e o transcendente, encontra sua fé na medida em que é tocado por algo que não conhece limites. A mística, assim como o sacramentalismo, se manifesta em cada respiração, em cada gesto e em cada ato de devoção.

Em cada expressão de fé, seja ela mística ou sacramental, reside um profundo mistério, uma conexão com o divino que nos convida a explorar e aprofundar nossa própria espiritualidade (TILLICH, 1974, p. 43).

À primeira análise, poderia-se sustentar que essa obra não guarda nenhuma conexão com a espiritualidade. Acredito que, mesmo que indiretamente, ela possui um caráter religioso. Não se encaixa plenamente em um estilo religioso nem é completamente secular, tampouco carrega um conteúdo religioso explícito.

No entanto, e aqui reside um princípio essencial do protestantismo, Deus permeia tanto a existência secular quanto a sagrada. Para Ele, não há preferência por uma esfera ou outra. Ao adotarmos essa perspectiva para decifrar obras como essa, podemos vislumbrar o primeiro nível da relação entre religião e arte: aquele em que a essência do ser se revela, ainda que de forma indireta, através de uma estética secular.

Outro exemplo que Paul Tillich comenta, é a pintura de Rubens, que, com sua grandiosidade, captura a atenção do espectador de maneira indescritível. Esta

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

obra nos envolve, oferecendo uma sensação de conexão que transcende o tempo, fazendo-nos refletir sobre a complexidade da vida e da espiritualidade (TILLICH, 2020).

A arte, em sua pluralidade, sempre nos convida a mergulhar em um oceano de significados, onde o sagrado e o profano dançam em perfeita harmonia.

Figura 5 – Retorno do pródigo Peter Paul Rubens 1577-1640 (2024).



Fonte: Disponível em: https://pt.artsdot.com/@@/8YDRH3-Peter-Paul-Rubens-. Acesso em: 11 dez. 2024.

O artista, com seu olhar distinto e sensível, revela sutilezas que, de outra maneira, permaneceriam encobertas. Esse é o poder da arte: abrir portas para realidades que só podem ser percebidas por meio da expressão criativa (TILLICH, 2020, p.36).

Em cada pincelada, em cada linha, reside a capacidade de evocar o extraordinário a partir do cotidiano, transportando-nos para um plano de realidade que escapa à lógica convencional.

Mas por que a arte é tão fundamental? Porque ela preenche uma lacuna essencial na experiência humana, assim como o saber e as diversas manifestações da vida espiritual. Através de suas interpretações, mesmo em objetos seculares que, à primeira vista, não têm uma conotação religiosa, a arte nos revela verdades profundas e universais.

Tillich comenta, que o existencialismo, esse movimento, que ganhou força com artistas como Cézanne na França, propõe uma nova maneira de ver e entender o mundo. Paul Tillich diz, que teve a chance de vivenciar essa transformação em uma exposição que explorava a evolução das naturezas-mortas,

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

desde o século XVI até os dias atuais (TILLICH, 2020, p.38). Ao percorrer as obras, observou uma tendência intrigante: a transição da representação da realidade em formas cada vez mais distantes da organicidade.

O teólogo alemão, dizia que as formas que antes eram fluidas e interligadas agora se apresentam como entidades atomísticas, desconectadas, como se a essência da existência tivesse se fragmentado.

Nesse novo contexto, os artistas modernos abraçam essas formas separadas como os verdadeiros elementos da realidade, conferindo-lhes novo significado e nova vida. Eles desafiam a estética dos impressionistas e do idealismo do passado, reduzindo o mundo a uma linguagem cúbica, onde cada ângulo e cada linha são reflexões sobre a própria estrutura do ser (TILLICH, 2020).

Esse tratamento das formas, que começa com Cézanne, revela uma profundidade inesperada nas formas inorgânicas que compõem nosso mundo. Os artistas não se contentam em ver essas formas como meras abstrações; eles percebem nelas o pulsar do ser. As rupturas provocadas pelo impressionismo, surrealismo e outras vanguardas artísticas, como o cubismo e o futurismo, são, portanto, tentativas de penetrar nas camadas mais profundas da realidade, buscando o poder fundamental que sustenta a existência.

O pensador religioso, diz que ao refletir sobre a exposição de naturezas-mortas, que traçava uma linha do tempo da arte, ficou evidente que a abordagem moderna da realidade se transforma em uma quase obsessão por desmantelar a superfície, buscando o que está oculto sob a pele da representação (TILLICH, 2020).

A natureza morta, em sua essência, tornou-se uma metáfora poderosa da nossa busca por compreender e representar a realidade em sua forma mais crua e fundamental. Assim, cada obra de arte moderna se transforma em um convite à reflexão.

É um chamado para que olhemos além do que é visível, para mergulharmos em uma análise existencial que nos desafia a repensar nossa relação com o mundo (TILLICH, 2020). Afinal, a arte não é apenas uma forma de expressão; é uma ferramenta vital para a compreensão da nossa própria existência.

Nesse sentido, concluo que a arte existencialista possui um papel crucial na redescoberta das questões fundamentais, permitindo que os símbolos cristãos

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

reapareçam como respostas mais relevantes para o nosso tempo. Entretanto, esses símbolos podem também tornar-se incompreensíveis à luz das novas realidades que vivemos. A arte, portanto, não é apenas uma expressão estética, mas um convite à reflexão profunda sobre quem somos e onde estamos.

Considerações finais

Neste artigo, exploramos as reflexões de Paul Tillich, que estabelece um elo profundo entre religião e arte. Ele nos guia por um caminho onde a religião se eleva além de meras crenças, transformando-se em um motor de indagações existenciais.

Ao longo do texto, percebemos que a arte moderna e o existencialismo emergem como frutos dessa incessante procura por sentido, espelhando a complexidade da experiência humana. Até mesmo nas manifestações seculares, há um eco de algo mais profundo, uma essência que, embora pareça distanciada da espiritualidade convencional, ainda ressoa com o sagrado.

Neste estudo, nos propomos a investigar a arte como um veículo de expressões religiosas. Aqui, verificamos, que os significados vão além do banal e se entrelaçam com elementos sagrados.

A arte não é apenas uma forma de expressão; é uma linguagem que se dirige diretamente à alma, convidando-nos a mergulhar em uma reflexão rica e multifacetada sobre a nossa existência. Por fim, notamos a intersecção entre o divino e o humano, revelando um universo onde a beleza e a espiritualidade se entrelaçam.

Referências:

AGOSTINHO, Santo. **Confissões.** De magistro. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

BRILL, Alice. **O expressionismo na pintura**. In: GUINSBURG, Jacó (org.). O expressionismo. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 389-448.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CALVANI, Carlos Eduardo. **Teologia e MPB**. São Bernardo do Campo, SP: UMESP/Loyola, 1998.

CHEVITARESE, André Leonardo; JUSTI, Daniel Brasil. **O Jesus Ariano**. O imaginário e as concepções historiográficas do Jesus Histórico na Alemanha Nazista. HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, p. 188-205, 2017.

HISTÓRIA DAS ARTES. **Crucificação de El Greco**. Disponível em: https://www.historiadasartes.com/a-crucificacao-el-greco/. Acesso em: 11 dez. 2024.

ECO, Umberto. **Obra aberta**: formas e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva: 2015.

WIKIPEDIA. **Guernica Pablo Picasso**. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Guernica_%28Picasso%29. Acesso em: 11 dez. 2024.
FLICKR. **Giorgio de Cherico Toys of Prince**. Disponível em: https://www.flickr.com/photos/gandalfsgallery/28271761648/in/photostream/. Acesso em: 11 dez. 2024.
KANDINSKY, Wassily. **O futuro da pintura**. Lisboa: Edições 70. 2014.

NAUGLE, David. **Cosmovisão**: a história de um conceito. Brasília: Monergismo, 2017. Ebook.

ROOKMAAKER, H.T. **A arte não precisa de justificativa**. Brasília: Monergismo, 2010.

GUIAFLORENCA. **Rafael Sanzio Madonna e o menino**. Disponível em: https://guiaflorenca.net/arte/madonna-del-graduca-de-rafael/. Acesso em: 11 dez. 2024.

ARTSDOT. **Retorno do pródigo Peter Paul Rubens**. Disponível em: https://pt.artsdot.com/@@/8YDRH3-Peter-Paul-Rubens-. Acesso em: 11 dez. 2024.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. **Sobre a Religião–discursos a seus menosprezadores eruditos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

TILLICH, P. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

_____. **Teologia sistemática**. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2014.

_____. **Textos selecionados**. São Paulo: Fonte Editorial, 2020.

_____. **Dinâmica da Fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1974.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

TOLSTÓI, Leon. **O que é arte**? Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

André Magalhães Coelho

Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Metodista de São Paulo. Doutor em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo e pós-doutorando pela mesma instituição (UMESP).

ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1143-1407

E-mail: magalhaescoelhoa@gmail.com

Recebido em: 11/12/2024.
Aceito em: 15/01/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

REVISTA DA FUNDARTE